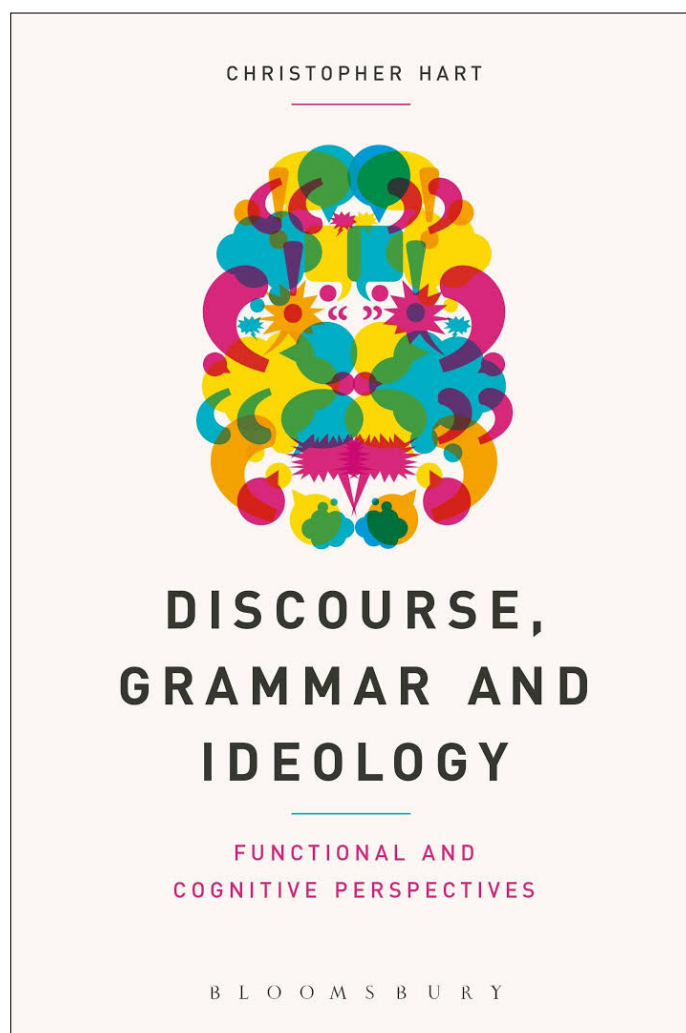


RESENHA

HART, Christopher. *Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives*. London/New Delhi/New York/Sydney: Bloomsbury, 2014. 216p.

*Paulo Roberto Gonçalves-Segundo** e *Douglas Rabelo de Sousa***

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil



* Professor Doutor da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil; paulosegundo@usp.br

** Mestrando da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil; douglas.rabelo.sousa@usp.br

Christopher Hart tem sido um autor extremamente produtivo na última década em termos dos estudos crítico-discursivos. Destaca-se pelo seu distanciamento consciente em relação ao paradigma tradicional da área – vinculado a autores como Fairclough, van Dijk, Wodak e Halliday, muito embora reconheça a relevância e o rigor de seus trabalhos – e pela defesa de uma abordagem cognitivista dos estudos discursivos com base no arcabouço das Ciências Cognitivas Corpóreas (Corpóreas ou ainda Incorporadas), em especial, da Linguística Cognitiva, fazendo avançar as propostas de Chilton nesse sentido. Neste livro, o autor visa a mostrar os desenvolvimentos desse projeto, especialmente no tocante à elaboração de categorias de análise voltadas à apreensão do papel da estruturação gramatical para a reprodução, confirmação e contestação ideológica. Para isso, mostrará de que maneira o aporte sistêmico-funcional de Halliday já vem sendo mobilizado para esses objetivos para, posteriormente, apontar como os modelos cognitivistas podem ser utilizados para tal, indicando vantagens e desvantagens de ambas as abordagens, seus diferentes escopos e métodos e seu potencial de complementação. Nesse sentido, pode-se afirmar que a obra parte do conhecido para, posteriormente, apresentar alternativas analíticas mais distantes do pesquisador familiarizado com a área.

O livro é organizado em duas frentes: a primeira parte é dedicada à discussão de categorias ligadas à perspectiva sistêmico-funcional da linguagem aplicadas à análise da construção da representação, da avaliação e da visualidade em textos, enquanto a segunda parte se volta ao coração de suas pesquisas – a abordagem cognitivista dos estudos crítico-discursivos –, propondo uma diversidade de categorias e modelos de análise que correlacionam os sistemas cognitivos de *Gestalt*, Comparação, Atenção e Perspectiva às estratégias discursivas de Configuração Estrutural, Enquadramento, Identificação e Posicionamento. Cada parte é subdividida em capítulos que podem ser lidos separadamente, em qualquer ordem, uma vez que são centrados em categorias específicas. Há sempre discussões teóricas, apontamentos metodológicos sucintos e análises ilustrativas de dados que mostram a pertinência da aplicação da categoria em pauta para o exame das relações entre gramática, discurso e ideologia.

Na introdução, o autor deixa clara a sua filiação aos estudos crítico-discursivos, entendendo-os como um campo de pesquisa enraizado na crítica social radical

que objetiva atingir a mudança social pela iluminação – usando a metáfora do próprio autor – do papel que a linguagem ocupa no estabelecimento de relações de dominação ou exclusão. Além disso, defende, com veemência, a necessidade de se considerar a dimensão gramatical para o estudo da ideologia, uma vez que entende a gramática como um sistema que materializa a ideologia, como um modelo que permite lidar com as ‘escolhas’ ideológicas instanciadas e como um guia para a localização da reprodução ideológica em textos falados e escritos, o que permite comparar o que é expresso em face do que é suprimido e das formas alternativas de fazê-lo. Nesse sentido, abordá-la pensando em seus efeitos discursivos é uma tarefa que não é apenas útil, mas também necessária.

No primeiro capítulo, intitulado **Representação**, o autor apresenta os conceitos fundamentais da abordagem sistêmico-funcional de Halliday, o que inclui a noção de língua como uma rede de sistemas de caráter semogenético, ou seja, como um potencial de significado, além de uma discussão introdutória sobre os conceitos de estratificação, realização e instanciação e de uma apresentação da hipótese metafuncional de organização da linguagem.

O capítulo detém-se, basicamente, em mostrar, com análises comparativas entre diferentes noticiários impressos britânicos, a utilidade dos recursos do sistema de TRANSIVITIVIDADE¹ – em especial, dos processos materiais e verbais – na apreensão de aspectos ideológicos, na construção de identidades institucionais e na legitimação de dadas perspectivas sobre a realidade; o papel de construções passivas e de nominalizações no obscurecimento da responsabilização pessoal, institucional ou governamental em relação aos eventos textualizados, o que pode estar associado à defesa dos interesses de um dado grupo; e, por fim, a produtividade da aplicação do modelo de análise da representação de atores sociais, de Van Leeuwen, para a reprodução ou contestação ideológica no discurso.

O segundo capítulo, denominado **Avaliação**, baseia-se largamente na apresentação da rede de recursos que compõe o sistema de AVALIATIVIDADE, proposto por Martin e White para o estrato semântico-discursivo da metafunção interpessoal, e na posterior aplicação das categorias para a análise de relatórios corporativos

¹ É convenção da teoria sistêmico-funcional grafar nomes de sistemas em VERSALETE (SMALL CAPS).

e de discursos presidenciais. Todos os três subsistemas da AVALIATIVIDADE são considerados:

- a ATITUDE, responsável pela codificação de avaliações ligadas a emoção, comportamento, estética ou valor social, seja de forma inscrita – pela instanciação de lexemas que permitem ao leitor capturar explicitamente a ocorrência valorativa – ou invocada – pela recuperação, por parte do leitor, de um dado fundo axiológico que é implicitamente ativado por uma construção;
- o ENGAJAMENTO, responsável por marcar alinhamento, antagonismo ou neutralidade simulada entre a perspectiva autoral e o posicionamento de outras vozes trazidas explícita ou implicitamente para o texto. Trata-se de um subsistema fortemente influenciado pela noção de dialogismo do Círculo de Bakhtin;
- a GRADAÇÃO, responsável pela modulação de avaliações e processos em termos de quantificação, intensificação, prototipificação e essência, o que revela distintos graus de comprometimento autoral diante do que é enunciado.

Ao final do capítulo, Hart também discute uma importante noção proposta no âmbito da Linguística de Corpus aplicada ao discurso – a prosódia semântica. Trata-se de fenômeno relevante, especialmente em termos de noticiários, na medida em que estes simulam imparcialidade e objetividade. Grosso modo, diz respeito ao efeito de contaminação de orientação avaliativa que uma palavra – entendida como *nó* – ganha ou estabelece de sua co-ocorrência regular com outras palavras da rede conceitual com a qual se encontra ligada. Assim, o exame da prosódia semântica permite depreender conotações avaliativas e associações conceituais, reveladoras de padrões ideológicos, mesmo em textos que buscam mistificá-las.

O último capítulo da primeira parte, a de orientação funcionalista, intitulado **Visualidade** (*Visuation*), apresenta seu modelo de análise do subsistema de PONTO DE VISTA, que será também utilizado para explicar facetas da construção da estrutura de eventos de um ponto de vista linguístico-cognitivo. Neste capítulo, contudo, o autor busca ressaltar a importância de se desenvolver uma abordagem multimodal para os estudos crítico-discursivos e faz a sua contribuição para o campo. Para tal, bebe nas obras de Kress e Van Leeuwen, Machin, O'Halloran e,

especialmente, Lim, de quem extrai as noções de ÂNCORA, ÂNGULO e DISTÂNCIA para tratar do ponto de vista. Para Hart (2014, p. 74), “imagens são inerentemente ideológicas. Elas capturam apenas parte da cena, retratando-a de uma forma particular, de modo que suas propriedades visuogramaticais acabam carregando conotações que acionam avaliações”².

O autor sugere, a partir de uma leitura cognitiva corporeada, que a função ideológica do sistema de PERSPECTIVA, ao qual o PONTO DE VISTA está subordinado, é consequência da promoção de distintos alinhamentos entre os elementos da cena recortada imagetivamente em relação ao corpo do espectador e aplica tal hipótese na análise de fotografias de protestos na Inglaterra.

Em termos sintéticos, variações na ÂNCORA mudam a posição do espectador diante da cena em termos de observá-la de frente, por trás ou lateralmente. As duas primeiras tendem a envolver o espectador na cena, posicionando-o, favorável ou desfavoravelmente, em relação a um dado grupo, ao passo que a última o insere em uma posição típica de observador, o que tende a promover distanciamento em relação aos participantes da cena.

O ÂNGULO abarca o plano vertical, proporcionando uma visão da cena ao nível dos olhos, uma visão aérea (de cima para baixo) ou ainda uma visão de “olho de minhoca” (de baixo para cima). Tais variações se correlacionam com as dimensões de poder e de controle, associadas às metáforas orientacionais de que CONTROLAR E EXERCER PODER É ESTAR EM CIMA E SER CONTROLADO É ESTAR EMBAIXO³.

Por fim, a DISTÂNCIA pode ser correlacionada à noção de *zoom*. Tal variável pode estar associada a dois efeitos diferentes: em primeiro lugar, à mistificação do arranjo de visão, uma vez que quanto maior o *zoom*, maior é o recorte da cena, que pode esconder agentes, pacientes, causas, efeitos ou circunstâncias variadas, e, em segundo lugar, a efeitos de intimidação/acolhimento ou de intimidade/distanciamento em função da proximidade/afastamento dos agentes e de suas ações, gestos ou expressões faciais em relação aos olhos do espectador.

² No original: “Images are inherently ideological. They necessarily capture only part of the picture or paint a particular picture, the visuo-grammatical properties of which carry connotations that invite evaluations.”

³ Metáforas conceptuais são grafadas, em perspectiva cognitivista, em VERSALETE, segundo a fórmula DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE.

O capítulo quarto inaugura a segunda parte do livro, voltada à perspectiva cognitivista dos estudos crítico-discursivos, e é intitulado Estrutura de Eventos e Ponto de Vista Espacial. É nesse capítulo que o autor apresenta fundamentos da abordagem cognitivista da linguagem e sua tipologia de operações de *construal* (em negrito), proposta a partir do cruzamento entre sistemas conceptuais (em itálico) e estratégias discursivas (sublinhadas), conforme é possível visualizar no quadro abaixo, adaptado de Hart (2014, p. 111):

ESTRATÉGIA	SISTEMA	GESTALT	COMPARAÇÃO	ATENÇÃO	PERSPECTIVA
<u>Configuração Estrutural</u>		Esquematisação			
Enquadramento			Categorização		
			Metáfora		
<u>Identificação</u>				Foco	
				Granularidade	
				Quadro de visualização	
<u>Posicionamento</u>					Ponto de vista
					Dêixis

Trata-se de um capítulo que apresenta uma boa síntese – claramente introdutória – da perspectiva cognitivista corporeada da linguagem e de sua aplicação para os estudos discursivos. O autor destaca as noções de conceptualização e de *construal*, entendido como a estruturação semântica da experiência materializada no enunciado, apresenta uma nova definição de estratégia discursiva⁴, que busca integrar linguagem, discurso, cognição e ação, além de reiterar fundamentos

⁴ Para o autor, uma estratégia discursiva consiste em “um plano de atividades discursivas mais ou menos intencionais/institucionalizadas cuja instanciação resulta em uma representação particular da realidade, sistematicamente estruturada e internamente coerente, que visa à legitimação e/ou à mobilização de ações sociais, na medida em que invoca, por meio da linguagem, determinadas conceptualizações com efeitos perlocucionários” (HART, 2014, p. 110). No original: “a more or less intentional/institutionalized plan of discourse practices whose deployment results in a particular, systematically structured and internally coherent, representation of reality which ultimately leads to the legitimation and/or mobilization of social action”.

clássicos da área, como a hipótese de que o significado é ancorado na experiência, de que a língua, além de ser entendida como não modularizada, consiste em um sistema integrado dependente de outros processos cognitivos e não em uma faculdade autônoma. Na sequência, trata, especialmente, de **esquematização, foco, granularidade e quadro de visualização**.

Destaca-se do capítulo um avanço referente a uma de suas propostas centrais: a de que se deve dar mais atenção aos estudos multimodais de forma que se passe a repensar a estruturação gramatical – e, com isso, suas formas de categorização e seu potencial de significação – a partir do que se conhece sobre o campo multimodal – e não o oposto, como se tem feito. O que ele faz, então, é partir da categoria de PONTO DE VISTA, delineada no capítulo anterior para a descrição e a análise de imagens, para estabelecer as seguintes correlações com o funcionamento da linguagem:

- a ÂNCORA é relacionada ao Foco e, por conseguinte, à alternância entre vozes verbais e à inscrição de estatuto informacional (Dado x Novo), tanto em termos de cadeias assimétricas quanto recíprocas de força. A esse respeito, o autor lança uma hipótese instigante, que, de certo modo, contraria algumas análises automáticas de passivas como recursos orientados sumariamente à mistificação do agente e à desfocalização da relação de causalidade. Ele propõe que, em determinados contextos, sua seleção pode estar associada a localizar o espectador como receptor do fluxo de energia, juntamente com o paciente, em uma posição de confrontação com o agente, o que pode levar à emergência de avaliações afetivas de insegurança ou mesmo de copertencimento ao grupo paciente, como ocorre no *corpus* de protestos que analisa. Trata-se de hipótese relevante que demanda pesquisas ulteriores para comprovação;
- o ÂNGULO é associado à Granularidade e, assim, ao uso de metonímias e de nominalizações, que permitem ofuscar grau de detalhamento dos participantes e das múltiplas ações que desenvolvem em uma cena enunciada;
- a DISTÂNCIA é pensada em termos de Quadro de Visualização e, desse modo, com o escopo de atenção da cena, que pode variar da causalidade externa à interna (X faz/permite/impede Y fazer Z; Y faz Z; Faz-se Z/Z é feito; Z

aconteceu). Tais opções estão claramente ligadas à (des)legitimação da ação de atores sociais e/ou à mistificação/atribuição de responsabilidade.

O capítulo 5, denominado **Metáfora**, dedica-se a expor o papel ideológico das projeções metafóricas, tomando como base a proposta de **integração conceptual** (ou **mesclagem**) de Fauconnier e Turner. Trata-se de um bom capítulo introdutório para a abordagem, em que se destaca o didatismo da exposição e a farta exemplificação. No Brasil, são mais frequentes as aplicações discursivas desenvolvidas a partir de desdobramentos da Teoria da Metáfora Conceptual; nesse sentido, é relevante apontar análises calcadas em um modelo alternativo. O *corpus* selecionado abarca a reação midiática aos protestos londrinos de 2011 e o discurso de David Cameron, em maio de 2012, referente à crise econômica na Zona do Euro.

Por fim, o sexto capítulo, intitulado **Dêixis, Distância e Proximização**, parte da Teoria do Espaço Discursivo, desenvolvida por Chilton, e incorpora avanços propostos por Cap, responsável pela elaboração do conceito de Proximização, entendido como uma estratégia retórico-pragmática instanciada para legitimar intervenções contra um exogrupo hostil que se aproxima, seja espacial, temporal ou axiologicamente, do *self* e do seu endogrupo, o que constitui uma ameaça que precisa ser contida.

Hart, então, busca refinar as propostas dos dois autores com base em discursos proferidos por Tony Blair, em 2003, que justificam a intervenção militar no Iraque. O capítulo é dividido em seções que abarcam Proximização Espacial, Temporal, Axiológica e Epistêmica – esta última ausente em Cap –, nas quais se defende sua relevância discursiva – especialmente no discurso político –, se apontam as marcas linguísticas que as ativam e se propõe uma tipologia detalhada – ainda aberta a expansões – para os três primeiros tipos. Todas as análises são acompanhadas de um esquema gráfico tridimensional que permite visualizar as atividades de aproximação em relação ao centro dêitico autoral, representativo do *eu(nós)-aqui-agora-certo(aceitável)* em termos conceptuais.

Isso posto, pode-se afirmar que o livro **Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives**, de Hart (2014), consiste em uma instigante publicação, orientada para pós-graduandos e pesquisadores da área de

discurso que buscam refinar sua metodologia de análise em termos de categorias plausíveis para a análise qualitativa e/ou quantitativa de dados. Ao explorar tanto o paradigma sistêmico-funcional quanto cognitivista, o autor apresenta dois modelos que podem ser vistos como complementares: o primeiro apresenta categorias discretas afinadas para as funções sociais da linguagem, verbal ou imagética, claramente enfatizando a análise do texto e de seu processo de produção, o que a torna ideal para análises comparativas e quantitativas, ao passo que o segundo, com categorias fluidas, afinadas em termos de plausibilidade psicológica, enfatiza a análise discursiva e o processo de interpretação, o que a torna ideal para análises qualitativas e comparativas orientadas para hipotetizar os efeitos potencialmente ideológicos das estruturas gramaticais e a configuração mental da ideologia. A próxima etapa, seria, segundo o autor, começar a incorporar análises experimentais à área. Quem sabe seja esse o tema de um próximo livro...

Recebido em: 18/02/2017.

Aprovado em: 15/08/2017.